

## RESISTÊNCIAS E PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE: LEITURA E ESCRITA NA PESQUISA

Flávia Cristina Silveira Lemos<sup>1</sup>

Letícia Lages Assunção<sup>2</sup>

John Lennon Lima e Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende problematizar em formato de ensaio sobre a prática da leitura e a escrita na pesquisa, que podem ser pensadas como atos e processos no cotidiano como modos de vida/modos de ser. Busca-se analisar o trabalho de ler e escrever fora da lógica do desempenho de uma produtividade sem sentido e automática, que reproduz uma ação mecânica da memorização conteudista. Assim, o objetivo é trabalhar a crítica do excesso de informação, em uma “enxurrada de leituras” que precisariam ser devoradas de imediato sem uma reflexão crítica na processualidade da pesquisa. Aborda-se neste ensaio uma concepção do pesquisar acompanhada de uma vertente de fazer coletivo, de forjar partilhas e transversalizar a escrita com as leituras de tal forma que seja um modo de subjetivação na relação com relações de poder enquanto (re)existências que se dão por meio dos encontros, das conversações, dos afetos e do cuidado. Desse modo, o artigo visa trazer uma artesanaria da leitura e da escrita, colocadas como via de abertura para a invenção e inquietações que saem da menoridade política e da repetição de opiniões e conteúdos fragmentados. Portanto, finaliza-se o texto, apontando que ler e escrever são um ateliê para o pesquisar no cotidiano a partir das experiências e dos usos potentes das memórias da oralidade. Como artesanato e o tecer, opera-se a fabricação da liberdade do poder questionar e tatear fora do engessamento de modismos acadêmicos. Finalizando, conclui-se o manuscrito por meio de uma reflexão incessante de uma escrita produtora da diferença, cujo lugar da subjetividade pesquisadora se articula com um ato de escrivência como cuidado e das potências.

**Palavras-chave:** Escrita; Leitura; Pesquisa; Subjetividade; Resistência.

### RESISTANCES AND PRODUCTION OF SUBJECTIVITY: READING AND WRITING IN RESEARCH:

**Abstract:** This article intends to problematize, in an essay format, the practice of reading and writing in research, which can be thought of as acts and processes in everyday life as ways of life/ways of being. The aim is to analyze the work of reading and writing outside the logic of the performance of a meaningless and automatic productivity, which reproduces a mechanical action of content memorization. Thus, the objective is to work on the criticism of

<sup>1</sup> Doutoranda em História Cultural-UNESP. Professora associada III de Psicologia Social da UFPA. E-mail: flaviacslemos@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Psicologia-UFPA.

<sup>3</sup> Mestrando em psicologia-UFPA.

the excess of information, in a “flood of readings” that would need to be devoured immediately without a critical reflection on the research process. This essay deals with a conception of research accompanied by an aspect of collective doing, of forging sharing and transversalizing writing with readings in such a way that it is a way of subjectivation in the relationship with power relations as (re)existences that occur through meetings, conversations, affections and care. In this way, the article aims to bring a craft of reading and writing, placed as an opening for invention and concerns that come out of political minority and the repetition of fragmented opinions and content. Therefore, the text ends, pointing out that reading and writing are a workshop for researching in everyday life based on experiences and the powerful uses of orality memories. As handicraft and weaving, the fabrication of the freedom of being able to question and grope outside the confinement of academic fads operates. Finally, the manuscript is concluded through an incessant reflection of a writing that produces difference, whose place of research subjectivity is articulated with an act of writing as care and powers.

**Keywords:** Writing; Reading; Research; Subjectivity; Resistance.

## Introdução

Neste artigo, o que se procura questionar e indagar, é sobre e para quem se pesquisa hoje, sob quais agenciamentos ou até mesmo se o pesquisar fora dos modismos impostos pela academia, faz parte do sujeito-pesquisador da contemporaneidade. Contudo, busca-se a possível transgressão na leitura e na escrita dentro da pesquisa no cotidiano, não somente como um retrato de um mundo dado e uma realidade já existente, mas como uma performance de existência e resistência, fazendo emergir os afetos e as práticas do cuidado de si e dos outros.

Ao pensar a leitura e a escrita como mediadores na pesquisa, se coloca em xeque o individualismo em prol apenas de um percurso da produtividade e a verdadeira composição do que se faz no cotidiano da pesquisa, nas experimentações. Assim, o lido e o escrito tornam-se táticas de resistência no presente, como potencialidades e criações com direito a suscitar a diferença e a variação. Portanto, a leitura, a escrita, o cotidiano e a vida tornam-se inseparáveis, como grandes achados imersos na pesquisa.

As notas do cotidiano nesse texto objetivam não só a configuração material do lido, entendido, pensado ou vivenciado, como também dos registros dentro do

tempo-espaco para poder refletir sobre os diálogos e encontros, e no mais, constituir um cuidado. É a partir desse salto, que os sujeitos são atravessados diretamente pelas conversações e indagações que se transformam pela liberdade do imaginário em poesias, poemas e em partilha.

A partilha e a prática de pesquisas a partir das vivências, das oralidades-“pesquisa da/na escritivência”, são constantemente perpassadas pelo cotidiano. Tal que a análise do cotidiano, corrobora possibilidades de se pesquisar nas/pelas diversidades, de perceber (re)existências, para então locomover fronteiras de dominação e alienação diante dos modismos, dos discursos e saberes legitimados pela academia. Portanto, a leitura e a escrita aproximam os corpos de suas potências inventivas e desvelam ao sujeito caminhos para problematizar no cotidiano, resgatando a “arte de fazer” e criar para escapar da cristalização atribuída apenas a produtividade e utilidade da pesquisa (DURAN, 2007, p. 119).

### **A importância do ato/prática de ler:**

Ao explicar a temática da leitura e refletir sobre sua importância, é preciso explicitar continuamente uma compreensão crítica. Isto porque a leitura de um texto é sempre precedida da leitura do mundo do sujeito, assim instruir-se da leitura e da escrita é aprender a ler o mundo- dentro do tempo e do espaço, do seu contexto, a partir de uma dinâmica que atrela linguagem, comunicação e realidade.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1981, p. 5).

Afinal, ler não é um ato neutro, mas um ato político, ético, ou melhor, ato de transformação de si, do outro e do mundo.

É nessa linha de pensamento e consciência sobre a relevância e a necessidade de um posicionamento crítico e coerente que não se pode deixar de

estabelecer conversações<sup>4</sup> com a educação- enquanto prática concreta de existência, resistência e transformação. Entretanto, traçar esse percurso é uma tarefa árdua, promovida pelo conjunto como um todo para combater uma educação conteudista, opressora e hierarquizada, para fazer florescer uma educação libertária, humanista, feita por sujeitos na história, na partilha e na vivência.

A busca para diminuir distâncias entre o que se fala e o que se faz, não está só na escrita como leitura de mundo- do nosso próprio mundo ou como maneira de transformação através da partilha do sensível, do lido e do vivido, mas também dessa quebra de controle da leitura em seu sentido tradicional. Contudo, esse paradigma a ser rompido vai para além da mecanização e memorização, ou melhor, de uma “enxurrada de leituras” que precisam ser devoradas de imediato sem uma profunda reflexão dos textos que foram lidos. Assim, segundo Paulo Freire:

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas (FREIRE, 1981, p. 9).

Vale ressaltar que, para Freire (1981, p. 17), a prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente interligadas. Desse modo, a quantidade excessiva de leituras sem a compreensão devida do que foi lido, é um dos fatores que comprometem com veemência uma pesquisa inventiva e transformadora, pois se faz pertinente uma percepção/interpretação crítica do ato de ler, de nos conhecer, existir e nos permitir na leitura e na escrita.

Diante dessas percepções, o ler, escrever e pensar perpassam pela produção de vivências e sentidos, realizadas pelo próprio sujeito na história (sujeito histórico-social, agente transformador) ao levar em consideração a importância da

---

<sup>4</sup> Estabelecer conversações no sentido de que ler é também ampliar as redes, para então, potencializar encontros e mudanças significativas.

historicidade, da história cultural- presente nas relações e nos corpos. Conforme Paulo Freire (1981, p. 21) afirmava: “[...] o reconhecimento do direito que o povo tem de ser sujeito da pesquisa que procura conhecê-lo melhor. E não objeto da pesquisa que os especialistas fazem em torno dele”. É notório para Freire, a importância atribuída não só ao falado, sentido ou experienciado enquanto processos humanos, mas também ao atravessamento das conexões, do acolhimento e do valor atribuído as singularidades da vida e suas narrativas.

Nesse ponto encontramos a escriturabilidade- enquanto práticas de escrita, oralidade e vivência, cujo percurso vai no encontro da necessidade não somente de ler os textos para mergulhar na pesquisa, mas da precisão de nos ler, nos acolher. O pesquisar vem acompanhado do coletivizar, transversalizar, partilhar e principalmente, do problematizar enquanto ato e ação de (re)existência, por meio dos encontros, dos afetos e do cuidado.

Assim, como a prática da leitura na pesquisa pode ser encontrada para além do texto sem decair em um mecanicamente memorizado ou modismos acadêmicos?

## **A leitura para além do escrito: práticas do ato de ler e se (re)conhecer**

No campo da leitura, a prática aparece com um operador ético, estético, político e social, antes mesmo de emergir o paradoxo sobre práticas de leitura contemporâneas, ligadas aos textos invalidados pela academia por não se enquadrarem dentro do que pode ser dito ou escrito, normatizado pela mercantilização do conhecimento<sup>5</sup>. Nesse sentido, “Este processo se coloca no centro de um jogo de poder entre aqueles que detêm a capacidade de designar a legitimidade de práticas e objetos, e os novos grupos que procuram se consolidar” (OHARA; JOANILHO, 2008, p. 1).

---

<sup>5</sup> A mercantilização do conhecimento é um fator extremamente importante a ser refletido e debatido dentro do campo da leitura e da escrita em correlação com o contemporâneo, de modo que, se enfatiza o paradigma da modernidade atribuído ao sujeito pensante- racional. Um muro constituído a partir das elaborações de René Descartes.

Em resumo: tais marcas são visíveis nesse processo em que há no cerne o jogo de poder e de verdade, dentre os quais podem designar articulações, legitimidades de discursos e saberes, para então definir o verdadeiro e o falso, o visibilizado e o apagado, ao que é dado voz ou silenciado.

A implicação da articulação de saberes e poderes na pesquisa, quando aprisionadas no dogmatismo apenas algumas práticas podem ser validadas quando são acolhidas no campo acadêmico, tal que esse não- reconhecer ou legitimar determinadas práticas, objetivam a imposição de formas engessadas de ler perpassadas pelo crivo do certo ou errado. É pelo viés da leitura que se pode transgredir e questionar as formas como esse muro da legitimidade foi construído em torno de novas práticas, que ao serem invalidadas pela academia assumem um molde de peneira definidora do aceitável e do rejeitado.

Diante disso, postulados e rótulos são criados em volta da leitura e da escrita<sup>6</sup> na academia com imposições de sentido e poder como verdades intocáveis, em meio ao poder quase que absoluto dentro do campo intelectual (OHARA; JOANILHO, 2008, p. 4). Nesse sentido, um contraponto a ser levado em consideração é o da fragilidade das verdades absolutas, haja visto a complexidade do tempo presente e de transição do sujeito constante (devir). Portanto, é preciso uma margem de liberdade e sensibilidade ao que é lido e escrito, descolonizando o corpo e a mente para não se criar mais amarras colocadas pelos modismos acadêmicos e suas regras excessivas.

Não se pode deixar passar uma reflexão aprofundada sobre uma leitura e uma escrita apenas como consumo criativo, corroborada pela autoridade de legitimação da academia e retomada no campo da produção cultural (OHARA; JOANILHO, 2008, p. 5). No entanto, o que se nota é uma preocupação demasiada com as questões do campo da produção, ou seja, é o produzir que prevalece, é a validade e o impacto que tal saber ou discurso pode ter no mundo acadêmico.

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que ler e escrever são atividades correlatas, o ler enquanto dimensão de precedência e comando sobre o escrever.

Dessa forma, o que se pretende no ato de ler o mundo e se reconhecer é a quebra desses monopólios legitimados pelos discursos e modismos acadêmicos-verdadeiras cartilhas a serem seguidas sem contestação, historicamente atribuídas e rezadas dentro da academia para manter a hierarquia de saber-poder.

O “para além” pode estar no fazer uma artesanaria da leitura e da escrita para que a pesquisa alcance o todo, ou melhor, a transgressão desse engessamento acontece a partir do momento em que se percebe a leitura e a escrita enquanto vida, criação e modos de ser. Desse modo o lido e o escrito se colocam como essa via de abertura e resistência, por meio da arte de fazer/criar, pois os sujeitos também são atravessados diretamente pelos encontros, conversações, problematizações que se transformam através da liberdade do imaginário em poesias, poemas, e em partilha de pesquisas alicerçadas nos afetos, nas vivências e na oralidade- “pesquisa da e na escrivivência”.

A partilha e a prática de pesquisas a partir das vivências são constantemente atravessadas pelo cotidiano. Tal que, o estudo do cotidiano corrobora possibilidades de se pesquisar nas e pelas diferenças, de perceber e analisar resistências para locomover fronteiras de dominação e alienação diante dos modismos impostos pela academia. Todavia, a leitura e a escrita desvelam ao sujeito caminhos para refletir o cotidiano, resgatando a arte de fazer<sup>7</sup> e criar para escapar da cristalização atribuída a produtividade e utilidade da pesquisa.

Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que Certeau chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um (DURAN, 2007, p. 119)

---

<sup>7</sup> É pertinente lembrar que, Michel de Certeau trabalha o que chama de “modos de fazer”, ou melhor, “artes de fazer” em sua obra *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer* (1980). Contudo, para uma reflexão maior em torno do cotidiano é interessante pensar essas “invenções/criações cotidianas”, a partir de Marília Claret Geraes Duran, que acertadamente em seu artigo *Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau* (2007) analisa transições e rupturas, problematizando práticas e criações na escola ao refletir sobre as invenções e o estudo do cotidiano.

A partir do trajeto percorrido ao longo dos capítulos anteriores, de que forma o sujeito se reconhece dentro da leitura e da escrita como propagador de encontros, conversações e cuidado?

## **Mediadores na leitura e na escrita: Conversações e problematizações**

As conversações e problematizações podem ser realizadas e efetivadas pela mediação entre as práticas e os acontecimentos ao longo da leitura e da escrita. Tal que, dentro dessas notas do cotidiano o lido e o escrito são ecoados e reverberados como potencialidades de estudo, ensino e pesquisa, refletidos em criações éticas, estéticas e sociais que promovem a (re)existência e o direito à diferença. Portanto, os saberes e as relações na leitura e na escrita efetuam a formação de perguntas ao acionar e instigar o pensar e a experimentação das intensidades de singularização e resistência (LEMOS; GALINDO; GOMES; SILVA; BRÍCIO, 2015, p. 285).

Se faz pertinente partilhar que ler e escrever são rastros trazidos por Michel Foucault com referências embasadas nos filósofos da antiguidade greco-romana, como bem aponta Lemos et al. (2015, p. 288). Concomitantemente, o equilíbrio precisa ser exercitado para que seja internalizado o que foi lido e depois estruturado com precisão em forma escrita, estabelecendo uma conformidade e problematização. Sendo assim, percebe-se a importância dessa prática de buscar a congruência dentro das nossas pesquisas no cotidiano.

Diante de tais reflexões, como os atos de ler e escrever podem ser operados como modos de ser no mundo, sem decair nas caixas modeladoras da produtividade excessiva e na adequação em massa no campo da utilidade?

De certo que os saberes e poderes se movimentam e não se fecham somente em discursos validados e propagados na academia. Assim, é factível transpor às tentativas de captura e alienação da produção (escravidão) que visam diminuir e apagar a reflexão, com a ausência de uma leitura e uma escrita na quais desnaturalizam saberes prontos e acabados com os “porquês da vida”.

Os saberes e poderes se deslocam para além da ciência e não ficam restritos aos discursos autorizados pela pesquisa acadêmica, porque os saberes científicos estão em tensão e entrecruzamento com outros discursos, em um diagrama produtor de um mapa das forças, em relação permanente (LEMOS et al., 2015, p. 286).

É por intermédio da problematização que o sujeito é transpassado pelas conversações, pela constituição de uma pesquisa entrelaçada nas descobertas, em um cuidado de si do cotidiano. Nessa perspectiva, o sujeito pode perceber que nem todos os saberes e discursos podem ficar nas caixinhas das verdades absolutas, em nome de uma produção científica, mecânica e engessada.

A expansão se estrutura em um cuidado de si e no pesquisar cotidiano, que (re)ativa o lido e o escrito baseado na descontinuidade dos saberes não-visualizados, não-recomendados, diante de uma estrutura teórica unitária e fechada em si. Tais estruturas buscam o enquadramento, a hierarquia de um conhecimento tido como incontestável dentro de uma visão mecanicista e utilitarista, em que as teorias e os modelos estão prontos para serem consumidos e reproduzidos. É através dessa percepção que a escrita e a leitura ultrapassam essa visão, ao emergir as singularidades como uma arma de guerra contra essa necessidade de se definir, se cristalizar e ser adestrado.

É o nascer de ações impulsionadoras que refletem a vida e as relações, fortalecendo o pensar e o reinventar. Esse seria o papel e o objetivo da leitura e da escrita como mediação, como aproximação dos corpos de suas potências criativas que tomados pela persistência, resistem a docilização e o controle das condutas. Todavia, mesmo com a intensidade desse controle dos corpos mandados constantemente para uma maquinaria de poder<sup>8</sup>, para serem esquadrihados e

---

<sup>8</sup> É válido lembrar que Michel Foucault trabalha este conceito em sua obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1975), porém não será feito um aprofundamento dessa discussão sobre a docilização dos corpos e controle das condutas, em virtude de uma amplitude que deveria ser comportada para abarcar tais conceitos e que poderão ser debatidas em um outro momento.

recompostos, ainda sim nenhum sujeito somente obedece, mas exercita o cuidado e o governo de si (LEMOS et al., 2015, p. 293).

Refletir sobre esse percurso do exercício do cuidado de si nos faz incidir em outra interrogação, sobre como se pode conciliar a leitura e a escrita em seus aspectos e criações do cotidiano mesmo com a imposição de indicadores de produção enquanto um quesito atrelado ao pesquisar na academia?

O pesquisar fora do enquadramento imposto pelos modismos da academia, implica em um mergulhar na zona do não-determinável, em estar contido nos processos que estão para além e que existem em potência. Portanto, conciliar a leitura e a escrita nas criações do cotidiano, faz o sujeito inserido na pesquisa inventar, existir, resistir, suscitando o acontecimento de novos possíveis mundos, a partir do cuidado como prioridade e do pesquisar sem pesos ou enfoque somente nos indicadores de produção.

As problematizações apresentadas neste capítulo são sistematizadas no cotidiano e ultrapassam as barreiras através do olhar crítico, proporcionado pela leitura e pela escrita, enquanto táticas e caminhos de/para resistência no presente. Visto que são mediadores essenciais funcionando como teias que amarram, interligam o pesquisar ao cotidiano. Sendo assim, entrecruzam vivências, compartilham afetos, criam realidades e transmitem vida como ferramentas potencializadoras para os sujeitos-pesquisadores.

## **Leitura e escrita na pesquisa: práticas do cuidado de si**

Toda leitura é produção de um sentir. Toda escrita é um cuidado de si. Ler e escrever são modos de subjetivar e (re)existir.

A leitura e a escrita são táticas para (re)existência, funcionando como intervenções críticas do presente. Desse modo, na mediação com a pesquisa, a leitura é produção de sentido, de significado, já a escrita é o cuidado de si e dos outros. Desse modo, neste capítulo objetiva-se refletir a partir do cotidiano, o lido e o

escrito dentro da dimensão de espaço-tempo, de engajamento do corpo, de relação consigo e com o outro, sendo construídas por meio de encontros, afetos e diálogos.

Criar, pela escrita e pela leitura, um analisar produtor de liberdade pela história do próprio pensamento era, para estoicos, pitagóricos e epicuristas, um desafio de buscar a transformação de si e o deslocamento de onde se estava (LEMOS; NASCIMENTO; GALINDO, 2016, p. 84).

Segundo Lemos et al. (2016, p. 85), fazer esse exercício de circulação de notas e leituras como um operador ético, estético, político e social atrelado à prática, era uma forma de (re)ativar o pensamento crítico e uma atitude de cuidado. Assim, a leitura e a escrita emergem como parte integrativa do sujeito- enquanto constituição do próprio eu. No entanto, as notas do cotidiano se transformam em pesquisas críticas, configurando memórias concretas das experiências, do lido, do pensado e do escrito.

O lido e o escrito proporcionam uma reflexão sobre o que já foi vivenciado e o que ainda se busca experienciar. Dessa maneira, são como uma condução para criação de modos de ser, para o sujeito exercer a resistência e produzir o cuidado- um governar enquanto atitude crítica de questionamento permanente. Logo, o cuidado seria como um processo contínuo sobre si e o outro, nesse sentido, a escrita é o cerne para promover e produzir uma pesquisa que possa ser vista como bela, através da invenção de si atrelada à ética.

Na produção da resistência por práticas de cuidado não basta apenas tatear ou inventar a si, mas implica em fazer conversações, promover encontros e indagações, ao estabelecer uma relação do sujeito e da verdade, do falar franco. Nesse sentido, “O trabalho sobre si na escrita e na leitura fazia parte de um “conhece-te a ti mesmo”, porém, na antiguidade greco-romana, não estava dissociado do cuidado da cidade” (LEMOS et al., 2016, p. 87).

Se faz pertinente dentro desse processo de pensar o cuidado de si<sup>9</sup>, uma conceituação mais direta a partir de Salma Tannus Muchail em sua obra *Foucault, mestre do cuidado: textos sobre A hermenêutica do sujeito* (2011).

“Cuidado de si” remete à expressão grega *epiméleia heautoû* e à sua tradução latina *cura sui*. Ao longo da história da filosofia a noção será diversamente modalizada, dando lugar a uma “série de fórmulas” de que Foucault estabelece um sucinto inventário: “ocupar-se consigo mesmo”, “ter cuidado consigo”, “retirar-se em si mesmo”, “recolher-se em si”, “sentir prazer em si mesmo”, “buscar deleite somente em si”, “permanecer em companhia de si mesmo”, “ser amigo de si mesmo”, “estar em si como numa fortaleza”, “cuidar-se”, “prestar culto a si mesmo”, “respeitar-se” etc. (MUCHAIL, 2011, p. 44).

A busca ativa de um cuidado de si e dos outros encontra-se relacionada intimamente com a escrita e a leitura, ambas dentro da pesquisa não estão apenas retratando um mundo já posto, uma realidade já existente, como fundamenta Lemos et al. (2016, p. 92). Em síntese: é também performar, é existir e resistir, é o fazer emergir realidades para sair de um já-está-aí limitado, pronto e acabado.

É a partir desse percurso que o salto para construir um governo de si e dos outros acontece, pautado na aprendizagem e criticidade. Entretanto, o transformar de si só pode ser feito pelo compromisso contínuo com o lido e o escrito, para abrir espaços de (re)existência e (a)firmar pensamentos que proporcionam a realização de confrontamentos com a realidade que não se detém a crítica.

O pensamento crítico no cuidado de si e dos outros- um cuidado das existências<sup>10</sup>, é acionado pela atitude crítica e o falar francamente em meio as relações de força e tensões que atravessam práticas sociais e políticas (LEMOS et al., 2016, p. 91-92). Todavia, a leitura e a escrita englobam e possibilitam esse movimento de criação, como um modo de vida, um partilhar de saberes que

---

<sup>9</sup> Tais noções e adequações a respeito desse processo do cuidado de si e posteriormente, a separação das noções sobre conhecer a si e cuidar de si, está posta no próximo capítulo, retomando assim esse contexto.

<sup>10</sup> Tal termo é mencionado no artigo *Escrita, psicologia e produção de cuidado: ética, estética e política* (2016) de Flávia Lemos, Maria Nascimento e Dolores Galindo.

aproxima e distancia gerações. Logo, há uma abertura para o deslocar de práticas cristalizadas e engessadoras que por meio de processos de invenções no cotidiano e na pesquisa, problematizam as maneiras de se relacionar para desassujeitar os saberes e os corpos.

Neste capítulo a leitura, a escrita e a vida se interligam para desaguar no cuidado. Assim, são como teias que amarram o pesquisar no cotidiano, entrecruzam experiências, promovem encontros e ampliam os diálogos como ferramentas potencializadoras. Ao passo que, “Trata-se de uma aposta na criação de existências que inventam e desacomodam, a começar pela maneira com que organizam os modos de trabalhar pelos encontros e conversações” (LEMOSE et al., 2016, p. 92).

De todo modo, a leitura e escrita corroboram um grande ateliê para o pesquisar, ou seja, se costura, cola, improvisa e modela, dando formas, sentidos, significados. Doravante, “A escrita é, assim, na Psicologia um laboratório no qual se incluem marcas, hesitações, silêncios, gagueiras” (LEMOS et al., 2016, p. 92). Contudo, se coloca em xeque a verdadeira composição do que se (re)inventa no pesquisar do cotidiano, seja nas vivências, no dialogar, nas problematizações ou até mesmo um pesquisar preso apenas nas amarras dos modismos acadêmicos.

É uma reflexão incessante sobre qual o lugar do sujeito-pesquisador nesse plano de pesquisa da escritivência e um perguntar rotineiro se esse pesquisar é para além, se há uma fluidez, um plano afetivo, de encontros e cuidados.

## **Notas sobre o cuidado de si**

Se faz pertinente apresentar toda a configuração e explanação do aparato do processo histórico em volta do saber e do cuidado sobre si do sujeito pensante (racional). De modo que, essa investigação filosófica para alcançar a compreensão e delimitação de cada elemento, mediante o processo/desenvolvimento da história dos conceitos de cuidado de si e ocupação consigo mesmo, começa a datar pela

construção apresentada por Michel Foucault, no curso “*A hermenêutica do sujeito*” (1982).

Essa trajetória do saber como elemento fundamental para a construção de uma normatização, é tematizada à luz da arqueologia sobre como esse conhecimento de si, enquanto forma de consciência do sujeito racional, em sua própria existência, está corroborada pelas elaborações de René Descartes.

Em “*A hermenêutica do sujeito*” (1982), Foucault prepara o percurso para a tematização do cuidado. Todavia, se trata também da compreensão da existência, do cuidado para consigo mesmo, para o outro e para o mundo, influenciando na alteração das relações do sujeito pensante com o mundo.

Na primeira aula, de 6 de janeiro de 1982, ministrada por Michel Foucault no curso dado no Collège de France, a questão abordada é a forma de discurso tramada no ocidente em volta da relação entre sujeito e verdade, a partir da noção do “cuidado de si” (no início do pensamento grego), imerso na cultura do cuidado, na preocupação consigo e no ocupar-se de si mesmo. Ainda que, na história da filosofia do pensamento grego a fórmula fundante dessas relações fosse o “conhece-te a ti mesmo”, é necessário que se ocupe consigo mesmo e que não se esqueça de ti, ou seja, é um não se descuidar de si (FOUCAULT, 2010, p. 4).

Não obstante, essa percepção socrática reverbera uma reflexão para incitar os outros a cuidarem de si e em contraste, não esquecer de se ocupar consigo mesmo, sem negligenciar essa necessidade para então se ocupar com os outros, ou melhor, ser aquele que desperta o outro para alcançar a luz, a verdade, o falar franco.

O cuidado de si deve ser fixado na existência do ser humano como fonte e cerne de agitação. Daí a precisão em diferenciar a dimensão do cuidado de si enquanto noção crucial e fundadora do conhecer a si mesmo e para além disso. Tal que, “O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente quando os olhos se abrem, em que se sai do sono e

Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

se alcança a luz primeira...” (FOUCAULT, 2010, p. 9). Assim, o sujeito olha para as coisas concernentes a nós mesmos, de acordo com certas regras as quais controlam condutas e moldam, ao ditar e impor o que se deve fazer e pensar (FOUCAULT, 2010, p. 10).

Este cuidado de si corresponde ao âmbito do pensamento sobre o qual a busca incessante da verdade é almejada por meio de práticas reflexivas sobre si mesmo, ou seja, é o modo de encarar e estar no mundo, praticar ações. Contudo, é preciso converter o olhar de fora para “si mesmo”, pois implica em estar atento e essa noção também designa atitudes que nos modificam e configuram (FOUCAULT, 2010, p. 12).

Em síntese: Cuidar de si e conhecer a si mesmo é a fundamentação de duas vertentes referentes a dois momentos históricos. O primeiro, é de um sujeito do cuidado de si em que a prática de ações e de relações com o outro não são separadas do “consigo”. O segundo, é de um sujeito do conhecimento de si-cartesiano. Visto que, vale ressaltar que essa noção de cuidado de si perpassa um todo, ao definir maneiras de ser, de agir, e formas de refletir, corroborando práticas de uma história da subjetividade (FOUCAULT, 2010, p.12).

É com esta percepção que se retoma para uma condução das atitudes filosóficas atribuídas ao cuidado de si como sendo um dos mais importantes fios condutores para se alcançar a verdade. Dessa forma, se faz conveniente adentrar no processo de marginalização sofrido pelo cuidado de si, com a separação das noções sobre conhecer a si e cuidar de si. Segundo, Salma Tannus Muchail (2011, p. 51), essa marginalização do cuidado e a separação das noções começam a ocorrer já no período helênico. Assim, a autora recorre aos modos que o próprio Foucault delimitou, tanto a história quanto a tematização reflexiva e filosófica destes conceitos.

Outro ângulo, este não mais no âmbito da moral, mas no da verdade, mostrará que a marginalização do “cuidado de si” não provém somente dos desdobramentos a que a própria noção se prestara. É

também e principalmente consequência ou acompanhamento da qualificação do outro polo, isto é, da privilegiada valorização do “conhecimento”. Sob o nome geral de “momento cartesiano”, este é o segundo bloco de hipóteses, para o qual Foucault sugere outras reflexões (MUCHAIL, 2011, p. 55).

O processo de marginalização, dar-se-á desde o momento em que há uma ênfase do valor filosófico ao longo da história, acerca do conhecimento de si e não sobre o cuidado de si. A princípio, ainda no “conhece-te a ti mesmo”, há uma espécie de subordinação do cuidado ao conhecimento. Desse modo, o *gnôthi seautón* (Conhece-te a ti mesmo) estabelece uma ligação com a *epiméleia heautoû* (o cuidado de si). Assim, cuidar de si mesmo é aplicar na prática esse conhecer sobre si, um se atrela ao outro e quando separados, são vazios de significações. Logo, o cuidado de si é a noção que fundamenta e acompanha a necessidade de conhecer a si mesmo (FOUCAULT, 2010, p. 14).

Este momento inicial de complementaridade vai se perdendo, diante das práticas de cuidado de si que para o sujeito se apresenta agora como condutas egoístas, voltadas para a individualidade advinda do ocupar-se consigo mesmo. Dessa maneira, o que foi por séculos tomado como positivo, agora se perdeu nas sombras da moral rigorosa do “ocupar-te contigo mesmo (FOUCAULT, 2010, p.14).

Nesse percurso, coloca-se em questão o preço a pagar para que o sujeito possa dizer a verdade sobre si próprio. Dessa forma, Michel Foucault (2010), isola a história da *epiméleia heautoû* dividindo-a em três momentos: socrático-platônico, que abarca o surgimento da reflexão do cuidado de si dentro da reflexão filosófica; helenístico romano, onde a separação entre conhecimento de si e cuidado de si começa a ganhar força com a prática da cultura de si e por fim, a passagem do ascetismo pagão ao ascetismo cristão (FOUCAULT, 2010, p. 30). Visto que, esse percurso do cuidado intensificou práticas de controle de si, do corpo e da alma, no qual requalificou o *gnôthi seautón*. Todavia, o preceito do cuidado de si foi

Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

esquecido, apagado e sucumbindo pelo momento cartesiano, requalificando conhecimento de si e desqualificando o cuidado de si (FOUCAULT, 2010, p. 14).

Em suma, cuidar de si é governar a si mesmo, é ter uma vida melhor consigo, enquanto sujeitos de si e para si. Isto é, o cuidado passa a ser em seu próprio percurso e essência o início, meio e fim, pela indagação, pelo domínio e pelo analisar de si.

Diante desse contexto, a verdade não poderá ser encontrada somente no sujeito do conhecimento, pois sua construção se faz na prática, no controle das condutas-corpos, no ético, social e até mesmo na cultura em que o sujeito se encontra imerso. Concomitantemente, será uma tarefa árdua integrar novamente o que se fragmentou ao longo da história, a partir do conhecimento de si e cuidado de si.

Para tanto, cabe suscitar uma reestruturação mais adequada do pensar filosófico, para que este cuidado possa manifestar-se, ou melhor, refletir não somente como um sujeito do saber com a incumbência de conhecer a si, mas prepará-lo para entender como estavam interligados, conhecer e cuidar de si. Nesta medida, é nesse ato de conhecer-cuidar de si que encontramos a junção entre o moral, o racional, o político e o poder.

Concisamente, é imprescindível colocar ainda que em entrelinhas, a relação entre saber e poder. Na medida em que, o “ocupar-se consigo mesmo” é de certo modo corriqueiro, porém, estará ligado positivamente aos princípios políticos, econômicos e sociais. Entretanto, o que nos permite confrontar sem inferioridades é justamente, o saber. É o que nos falta para bem moldar/governar a si e competir com o outro como iguais. Tal que, essa necessidade de cuidar de si não aparece como um privilégio estatutário, mas como uma ação política (FOUCAULT, 2010, p. 30).

Neste ponto, coaduno com a análise de Foucault (2010, p. 34-35) sobre o ocupar-se, ao apontar que o ocupar-se consigo está emparelhado ao exercício do poder sobre os outros, ao *status*. Resultando no conhecimento como implicação ao

domínio/controlado do outro e do mundo, isto é: o eu enquanto sujeito de saber corrobora a arte de governar e a normatizar.

O percurso introdutório a respeito da história do cuidado de si até o presente momento, é parcialmente suficiente para construir uma ponte histórica do sujeito de saber-poder até a noção de cuidar de si e conhecer a si, analisada neste capítulo. Vale destacar a importância do vínculo entre conhecer e cuidar de si, presentes nas elaborações filosóficas acerca do cuidado. Ainda que, os aspectos da desagregação de ambos são implicados pela supremacia que o autoconhecimento gerou, conseqüentemente, a decadência (marginalização) desse cuidado e o esquecimento de si (um vazio), para então, sustentar um sujeito assegurado por seu próprio ato de pensar, enquanto medida para alcançar a verdade e a criticidade.

## Considerações finais

A leitura e a escrita exigem mais do que um saber esperar ou cautela, de certa forma demanda uma relação com o tatear, inventar e até mesmo o bricolar. Desse modo, se faz pertinente estabelecer notas sobre o pesquisar no cotidiano, se valendo de tantos modos e possibilidades de conexões para suscitar o acontecimento de novos mundos e realidades.

Todo texto é um produto de uma leitura, uma apropriação com infinitas interpretações e saídas. Assim é a leitura e a escrita na pesquisa, seu fundamento encontra-se na operação em congruência com o (re)inventar, o compor, o colar. Logo se pode ter a liberdade de estabelecer até mesmo uma analogia entre o pesquisar e o bricolar<sup>11</sup>, pois no bricolar o seu campo propõe um fazer com as

---

<sup>11</sup> Cleci Maraschin e Édio Raniere em seu texto *Bricolar*, contido na obra *Pesquisar na Diferença: um abecedário* (2012), são pontuais ao conceituar o bricolar e demonstrar que o seu operar está em congruência com o improvisar, o colar, o reinventar e o compor. Seu campo melódico atinge ressonâncias com o “Do it yourself” – máxima norte-americana dos anos 50 que propõe fazer com as próprias mãos, ou literalmente “faça você mesmo” – e com o Bricoleur – substantivo francês aplicado a quem se põe a realizar pequenos reparos, que mesmo não sendo um especialista da área resolve, de forma amadora, consertar, pintar, reformar, fazer uma bricolagem (MARASCHIN; RANIERE, 2012, p. 39)

próprias mãos (MARASCHIN; RANIERE, 2012, p. 39). É nessas águas que o pesquisar cotidiano e o sujeito-pesquisador também mergulham, seja ao realizar a observação, as anotações, a escrita da pesquisa ou até mesmo os reparos, as costuras.

De forma geral, o pesquisar é essa grande coleção de peças, de anotações cotidianas que ao serem agrupadas e intercaladas proporcionam o acontecer da pesquisa nas/pelas diferenças. Aqui se cabe refletir: Para quem se escreve na pesquisa do cotidiano? Se faz uma pesquisa nas/pelas diferenças ou moldadas pelos modismos acadêmicos? A partir desses questionamentos sobre o pesquisar no hoje, percebe-se a escrita como sendo uma arma de guerra, em que o sujeito se cola e se engessa com a necessidade de se definir.

É necessário sair do regramento excessivo e modulador- dissolução do eu, para lembrar que o pesquisar cotidiano corroborado pela leitura e pela escrita é feito para as diferenças, para a diversidade, pois se escreve para os pares. Assim, à medida em que se afunda nas intensidades e vivências, o corpo do sujeito-pesquisador é tido como instrumento que se utiliza de problematizações iniciais, ligadas pelos elos e conexões. É assim que a pesquisa acontece, é pelos encontros, pelas relações, pelas intervenções e resistência aos modismos.

Diante desse contexto, quantas vezes há uma “morte do autor” dentro da própria pesquisa para que a singularidade e subjetividade não apareça? Sobre essa última indagação, entro em conformidade com o apontamento preciso de Diana Klinger (2008, p. 16): “a marca do escritor já não é mais que a singularidade de sua ausência”. Logo, nesse artigo se tenta uma inserção dentro da pesquisa de fato, uma conexão com o eu, apagando as luzes das certezas.

A pesquisa no cotidiano é justamente esse apagão das certezas inabaláveis, é a percepção de que a cada encontro se faz uma costura, uma colagem de informações e conhecimentos, que para muitos pode parecer apenas fragmentos desconexos, sem significados, mas quando combinados se potencializam pela

leitura e pela escrita. É nesta colagem que se abre possibilidades, potências, combinações nada convencionais ou tradicionais da pesquisa, partindo do parâmetro de uma estética de beleza.

Este trabalho aponta também, em conclusão que a formação de professores(as) pode considerar as análises feitas neste texto, na medida em que há uma aposta na aprendizagem e no ensino da leitura e da escrita a partir de um plano da micropolítica da artesanaria do cotidiano que é tecida no bordado da vida em relação com as experiências das subjetividades e da cultura, em uma política dos afetos e dos encontros entre saberes, poderes e uma ética da existência que se ancora na partilha do exercício docente e do pesquisar como modos de produção polifônicos, polissêmicos e dialógicos.

Nesse sentido, a leitura e a escrita na pesquisa foram apresentadas em notas do cotidiano que se amarram e se costuram em práticas do cuidado, da existência e da resistência. Portanto, sabe-se que essa é uma discussão que foi e é materializada para além, cujo processo de reflexão e indagação já foi iniciado, e no mais, “daqui pra frente é contigo” (MARASCHIN; RANIERE, 2012, p. 41). Faça suas coleções, seus tateios, suas invenções, suas bricolagens, suas pesquisas pelas diferenças.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DURAN, Marília Claret Geraes. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set-dez 2007.

FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 45 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

KLINGER, Diana. **Escrita como performance de si**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Porto Alegre (RS), v. 10, n. 12, p. 11-30, 2008.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; NASCIMENTO, Maria Lívia do; GALINDO, Dolores. **Escrita, psicologia e produção de cuidado**: ética, estética e política. Arquivos brasileiros de psicologia, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 84-94, abr 2016.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; GALINDO, Dolores; GOMES, Geise do Socorro Lima; SILVA, Daiane Gasparetto da; BRÍCIO, Vilma Nonato de. **Os intercessores e a amizade na escrita e leitura**: possíveis, hoje?. Revista Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 284-295, 2015.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, mestre do cuidado**: textos sobre A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

OHARA, João Rodolfo Munhoz; JOANILHO, André Luiz. **A LEITURA ALÉM DO TEXTO**: As práticas de leitura como marcas de distinção social. Anais do seminário de pesquisa em ciências humanas/ organização de Mirian Donat e Rogério Ivano, Londrina (PR): Eduel, p. 1-9, 2008.

Recebido junho 2022.

Aprovado junho 2023.